

Bastidores: entrevista com Wilberth Salgueiro

Backstage: Interview with Wilberth Salgueiro

Paulo Roberto Sodré*
Vitor Ceil*

Uma pedra a mais
bem no meio da lagoa
– minhas digitais

Bith

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro ou Wilberth Salgueiro, também conhecido como Bith, nasceu em 10 de janeiro de 1964 – “pouco antes do golpe militar”, ele destaca – no município de Três Rios (RJ), na Região Geográfica Intermediária de Petrópolis. Todavia, seu documento de identidade registra que é natural da capital do estado do Rio de Janeiro. Em 1972, aos 8 anos de idade, ele migrou com a família para Cachoeiro de Itapemirim (ES), “terra do Rei Roberto”, onde “era da tribo de

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



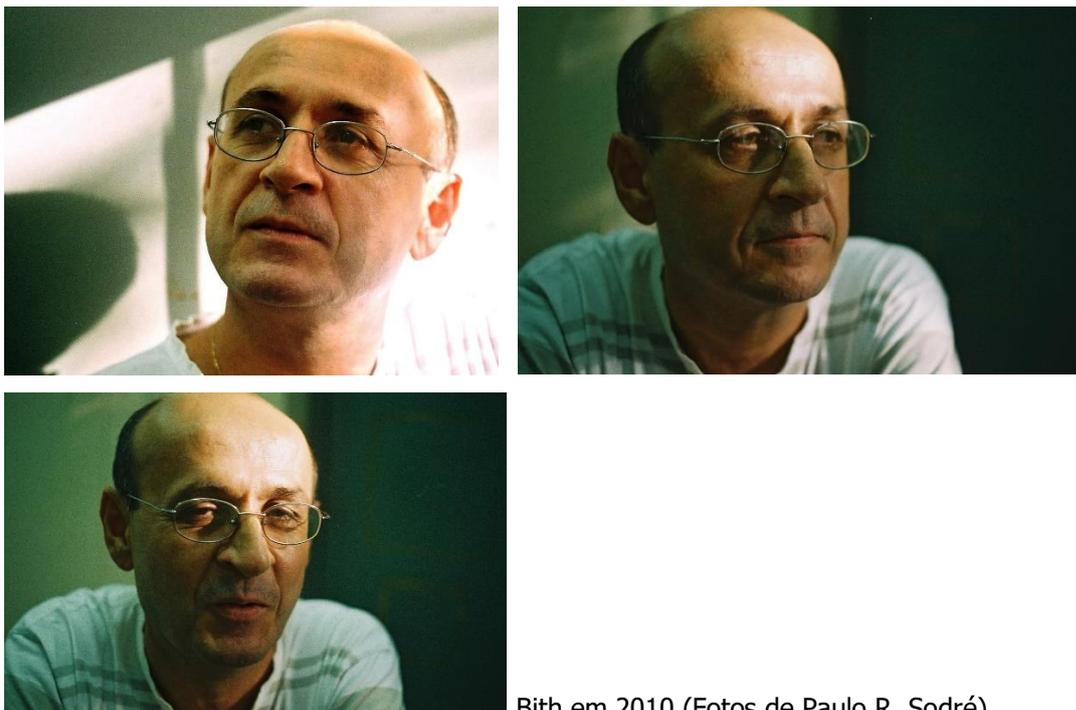
Wilberth Salgueiro em dois eventos: Bravos Companheiros e Fantasmas II, em 2006, na Ufes, com seus/sua orientandos/a, e Feira Capixaba do Livro, em 2016, ao lado dos poetas Lino Machado (à esquerda) e Raimundo Carvalho (à direita).

Desde agosto de 2017 é Diretor da Edufes, a editora da universidade. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras nos períodos 1998-1999, 2009-2011 e em 2014. Sob sua gestão, O PPGL obteve o reconhecimento da Capes em 1999 e inaugurou o curso de Doutorado em Letras em 2010. Nesse período de trinta anos, orientou mais de uma centena de estudantes em Iniciação Científica, TCC, Mestrado e Doutorado.

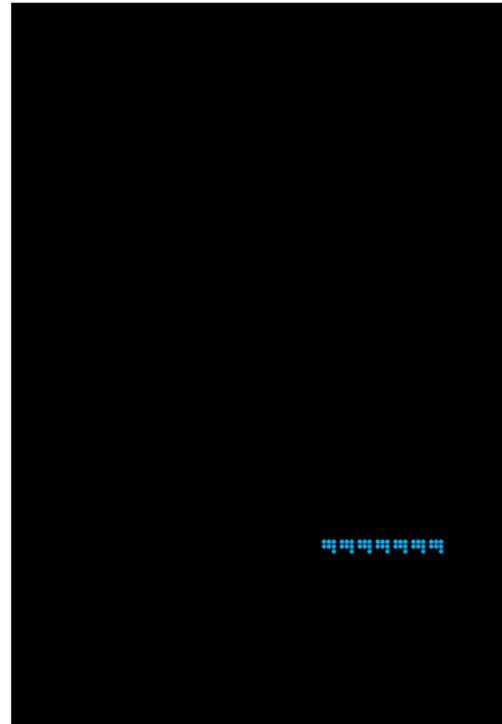
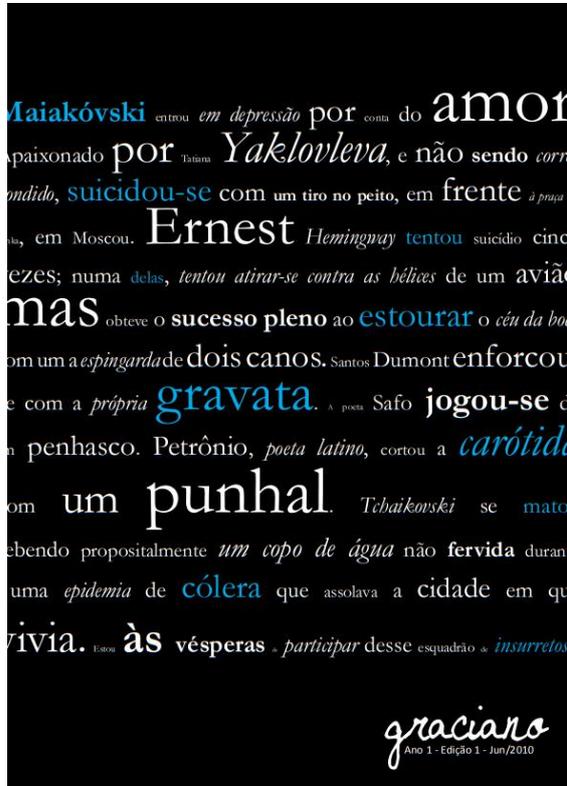


Bith em 2009 (Foto de Paulo R. Sodré)

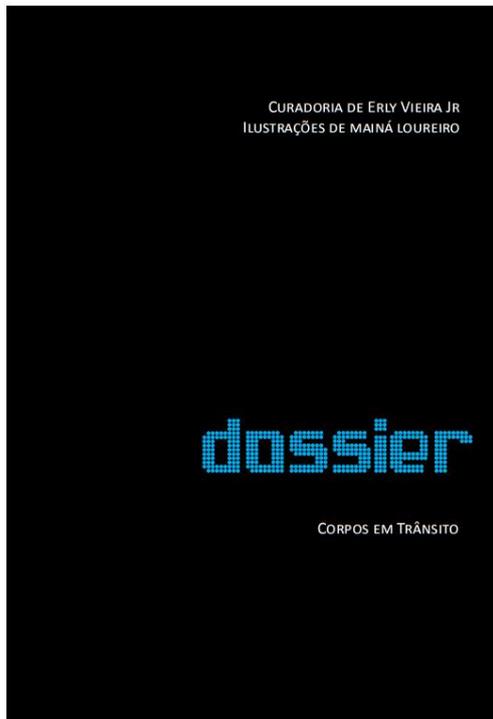
Em sua trajetória acadêmica, Wilberth Salgueiro graduou-se em Letras Português-Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1985, concluiu o mestrado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1990, e o doutorado em Letras (Teoria da literatura) pela UFRJ em 1996. Também fez pós-doutorado em Literatura Comparada na UERJ em 2006 e em Literatura brasileira na Universidade de São Paulo (USP) em 2014.



Bith em 2010 (Fotos de Paulo R. Sodré).



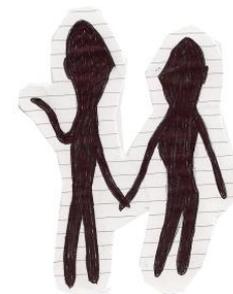
61



47

IGITUR

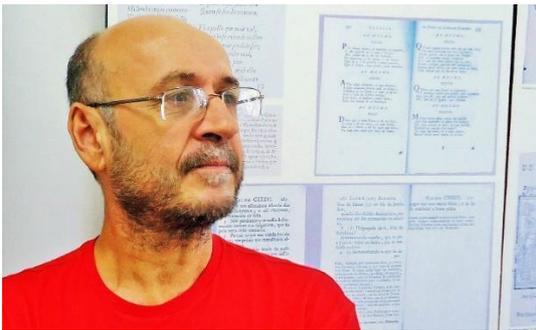
meu olho está fechado, feito um morto
tentando ter do escuro a própria sombra
por entre as flores secas sinto o gosto
da língua negra e lisa de uma cobra
meu olho está trancado, feito um louco
perambulando noites, luas, becos
atrás de lábios, sons – que apenas ouço
transformo o que era eco num concerto
meu olho está molhado, feito um porto
de mãos, navios, lenços: tais acenos
(a vida é sempre mais, final de menos)
meu olho está calado, feito dois
cavalos velhos vendo alheios cotos
em versos que o poeta fez – e pôs



Bith (Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro) é professor do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Publicou os volumes de poesia *Anilina* (1987), *Digitais* (1990), *32 poemas* (veiculado na internet, 1996), do qual foi extraído o soneto acima, e *Personecontos* (Ed. Flor&Cultura, 2004). Também é autor de *Forças & Formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea* (Edufes, 2002).

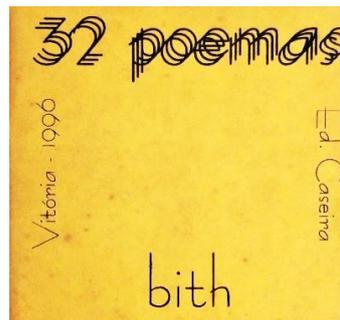
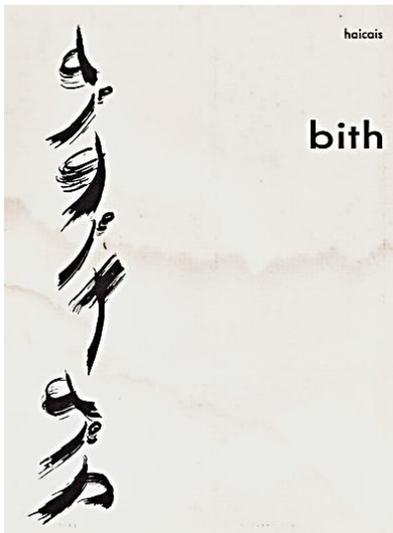
62

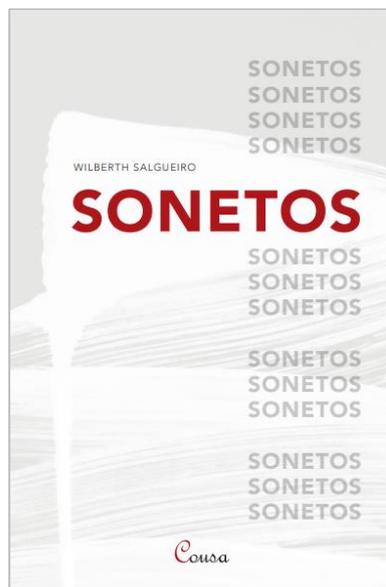
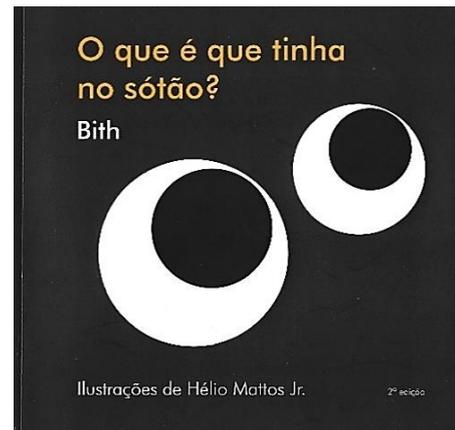
Prints da participação de Bith na revista *graciano* n. 1 de junho de 2010.



Wilberth Salgueiro em 2020 (Fotos de Paulo R. Sodré)

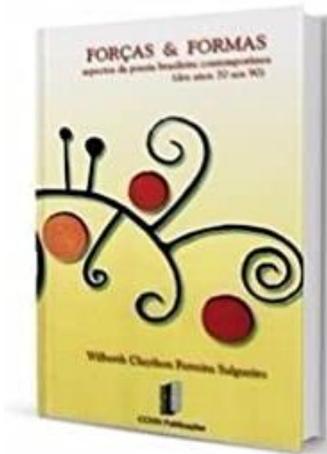
Desde 1990, Bith “lança para frente a bola da poesia brasileira” (MIRANDA, 2019, p. 10). Publicou poemas em *Anilina* (1987, haicais), *Digitais* (1990, haicais), *Personcontos* (2004, sonetos), *O jogo, Micha & outros sonetos* (2019, sonetos) e *Sonetos* (2021), finalista do Prêmio Candango de Literatura 2022. Também publicou a narrativa infantojuvenil *O que é que tinha no sótão?* (2013, com reedição em 2021). Em todos esses livros, o autor “esnoba na técnica composicional, dá uma de ‘largado’, ‘desleixado’, mas isso é romantismo – na verdade, é tecnicamente ousado, lança pra frente a bola da poesia brasileira” (MIRANDA, 2019, p. 9).





Capas de livros de poemas e de narrativa para criança de Bith/Wilberth Salgueiro

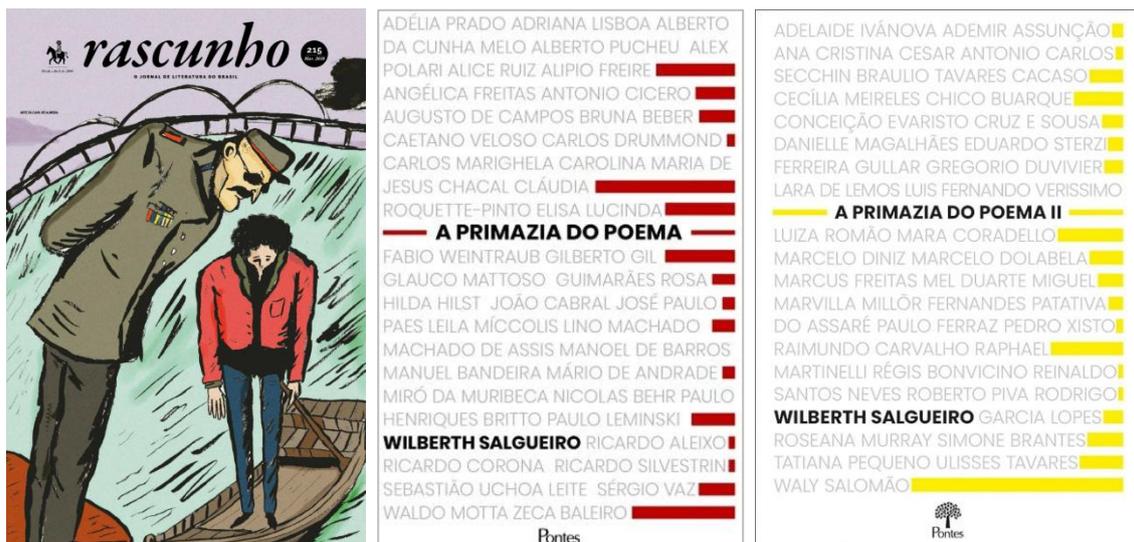
Como poeta-crítico, Salgueiro escreve no jornal mensal *Rascunho* a coluna “Sob a pele das palavras”, com análise de poemas, desde 2015. Essa produção foi reunida em dois livros: *A primazia do poema* (2019) e *A primazia do poema II* (2022). Também publicou ensaios críticos em *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea* (2002, com reedição em 2022); *Lira à brasileira: erótica, poética, política* (2007); *Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções* (2013); *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência* (2018); *Rosa, Reinaldo, Pessoa & outros desenredos* (2022). Ademais, publicou 70 artigos em periódicos acadêmicos e organizou duas dezenas de livros crítico-teóricos na área de Estudos Literários.



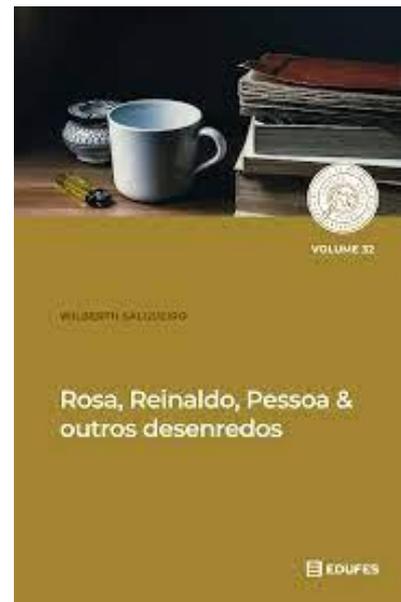
Primeiro livro de ensaio de Wilberth Salgueiro, de 2002.



Livros de ensaios de Wilberth Salgueiro.



Capa do jornal literário *Rascunho*, em que Wilberth Salgueiro iniciou sua coluna "Sob a pele das palavras", cujos textos foram reunidos em *A primazia do poema* e *A primazia do poema II*.



Livro de ensaio mais recente de Wilberth Salgueiro.

Além de escritor, professor, pesquisador e editor, Wilberth Salgueiro é companheiro da professora e poeta Maria Amélia Dalvi e pai de João Gregório e Vicente.



Bith em 2018 e outras datas (Fotos e montagens de Maria Amélia Dalvi)



Bith e Maria Amélia Dalvi, em 2009 (Foto de Paulo R. Sodré)

E ainda jogou como meio-de-campo (ora de volante, ora de meia-direita ou de meia-esquerda) no Pindorama Futebol Clube, time formado por escritores brasileiros, “que, ao fazer jus ao mito dos povos tupis-guaranis, de uma terra livre dos males, faz da literatura e da poesia um modo de dizer de si, do outro e do mundo” (CORNELSEN, 2020, p. 175).



Equipe de escritores-jogadores, em Paraty, 2014 (Foto sem crédito).



Agachado à direita, Bith
[em pé, à esquerda, o amigo Flávio Carneiro] (Foto de Márcia Foletto).



Bith em campo (Foto sem crédito)

A fortuna crítica do poeta destaca um dos *leitmotiv* do pesquisador: o humor como recurso estético. “Na séria brincadeira da poesia, a opção radical pelo lúdico expressa uma rebeldia permanente contra a linguagem” (MORICONI, 1990, [s. p.]), de modo que “há patente esforço em ‘torcer’ as palavras, em articulá-las (ou desarticulá-las), propiciando bem-humorado efeito” (OLIVEIRA, 2020, p. 180).

The image shows a screenshot of the website 'Antonio Miranda'. The header features the author's name 'Antonio Miranda' in large red letters, a search bar, and navigation links: 'Ciência da Informação', 'Portal de Poesia Ibero-americana', 'Poesia Ilustrada', and 'Obras do Autor'. A sidebar on the left contains a menu with items like 'Sobre Antonio Miranda', 'Curriculo Lattes', 'Grupo Renovación', 'Rajatabla', 'Cuatro Tablas', 'Terra Brasills', 'Comentários', 'Em Destaque', 'Textos en Español', 'Xulio Formoso', 'Músicas', 'Livro de visitas', 'Colaboradores', and 'Links Temáticos'. The main content area displays a search result for 'BITH'. It includes a search bar with 'MELHORADO PELO Google', a search button, and a green bar with 'PESQUISA POR DADOS'. The title 'BITH' is centered. Below it, a paragraph explains that Bith is the pseudonym of Wilberth Claython F. Salgueiro, a professor at the Federal University of Espírito Santo since 1993. It lists his works: *Anilina* (1987), *Digitais* (1990), *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)* (2002), and *Personaecontos* (2004). An image of the book cover for 'Personaecontos' is shown. Below the image, the book's details are provided: 'BITH. Personaecontos. Vitória, ES: Flor & Cultura Editora, 2004. 120 p. (Coleção Asas de Cera) 14x21 cm. ISBN 85-88900-12-X Projeto gráfico e capa: Miguel Marvilla. Col. A.M.' A quote from Andréia Delmaschio describes the 'personaecontos' as sonnets with 17 syllables, numbered, and often containing narrative elements. At the bottom, a poem titled 'ARTHUR, ELIZABETH E O BOBO (15)' is displayed, followed by its text.

Print do site de Antônio Miranda com seleção de poemas de Bith.



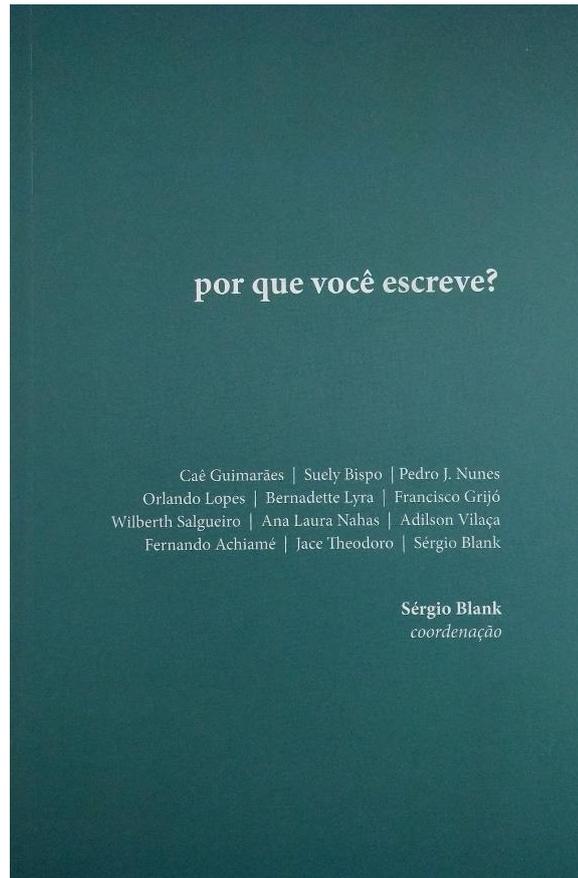
SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2017 DE 19:00 A 00:00

Por Que Você Escreve? com Wilberth Salgueiro

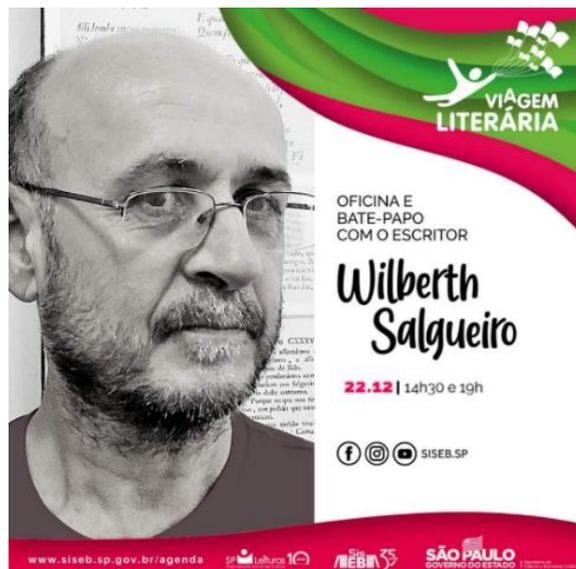
Livraria da UFES - Centro de Vivências

Evento encerrado

- 🕒 5 h
- 👤 Evento de Neples - Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do ES
- 📍 Livraria da UFES - Centro de Vivências
- ✅ 30 foram · 60 têm interesse
- 🌐 Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook



Print da chamada do evento “Por que você escreve? com Wilberth Salgueiro”, organizado pelo poeta Sérgio Blank, em 2017, e o livro que reúne os depoimentos.



Flyer da oficina literária e do bate-papo com Wilberth Salgueiro, em São Paulo.



← **Publicações**

wilberthsalgueiro Soneto para rir de si, da morte

Se todo o mundo morre, quer dizer
que morrerei também? Mas que maçada!
A gente nasce, cresce, se diverte,
tem filhos, faz poema e - pô! - acaba?

Será por isso que em Deus creem, hein?
Para fingirem sem pudor que o tal
tem algum puxadinho lá no além?
Vos digo: aqui se faz, aqui se apaga.

Viver é bom demais da conta, certo?
Certo que a conta indesejada há de.
Vale cantar a "Oração ao tempo"?

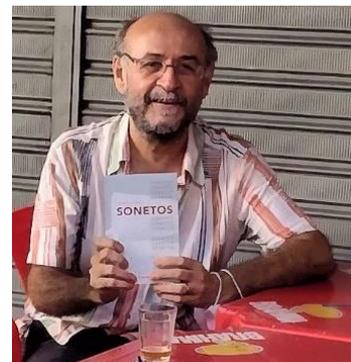
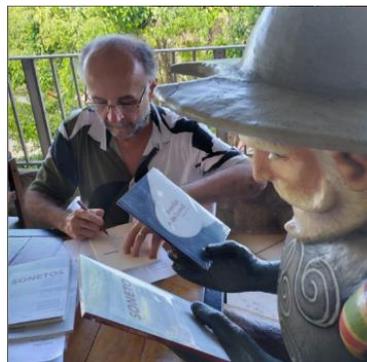
Mais vale todo dia suicidar-se,
e lutar contra a morte corriqueira,
rindo, bem sísifus, com pedra e arte.

Print da postagem de poema de Wilberth Salgueiro em sua rede social.





Registros do lançamento de *O jogo, Micha & outros sonetos*, no Trapiche Café da editora Cousa, em Vitória, 2019 (Fotos de Paulo Roberto Sodré).



Flyer e registros dos lançamentos de *Sonetos*,

em Jardim da Penha, Vitória, 2021 (Fotos de Thiago Damasceno).

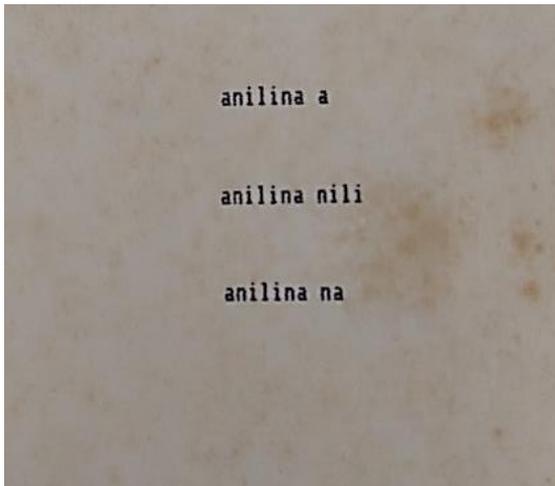


Nesta entrevista, optamos por uma perspectiva diferente. A partir das imagens de suas primeiras publicações, perguntamos-lhe a respeito do processo de produção literária atrelado ao projeto editorial dos livros. Trata-se, como se pode notar, de propiciar ao/à leitor/a mais um bocado do texto saboroso de Bith/Wilberth Salgueiro, sempre atento aos sons assonantes e lúdicos do que o tempo, as personas, as palavras, os episódios podem revelar de gatilho para seus chistes, trocadilhos e, sobretudo, para sua refinada e aguda percepção do mundo por meio da poesia.

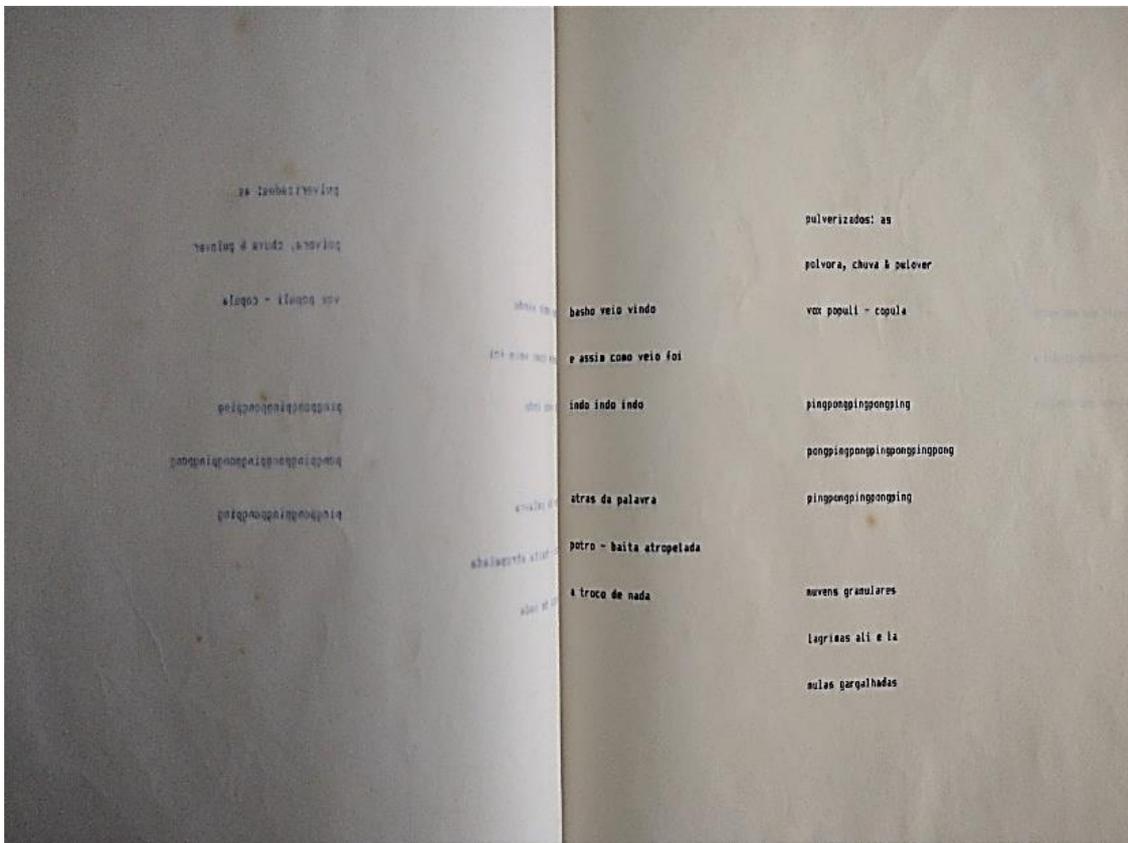


Participação de Bith no seminário Brav@s Companheir@s e Fantasmas VIII, na sessão "Depoimentos de escritora(e)s", promovido pelo PPGL/Neples, na Ufes, em 2018 (Fotos sem crédito).

1. Um conjunto de haicais é apresentado em *Anilina*, de 1987, edição produzida numa antiga impressora de papel contínuo. As páginas parecem compor um crescente espelho da página anterior e seguinte. Como se trata de seu primeiro livro, qual projeto poético e gráfico sustentou (para sua percepção hoje) essa publicação?



Páginas de *Anilina* (1987), de Bith.



Pois bem: *Anilina* foi meu primeiro livro, em 1987, aos 23 anos. Eu me formei em Letras, na Uerj, em 1985. Muitos dos que gostávamos de poesia tínhamos em Leminski (beberrão e samurai malandro, como disse Leyla Perrone-Moisés) uma figura invejável. Penso que por conta de seus haicais enveredei a fazer haicais também. Uma vantagem do haikai, em época que não existia celular, era

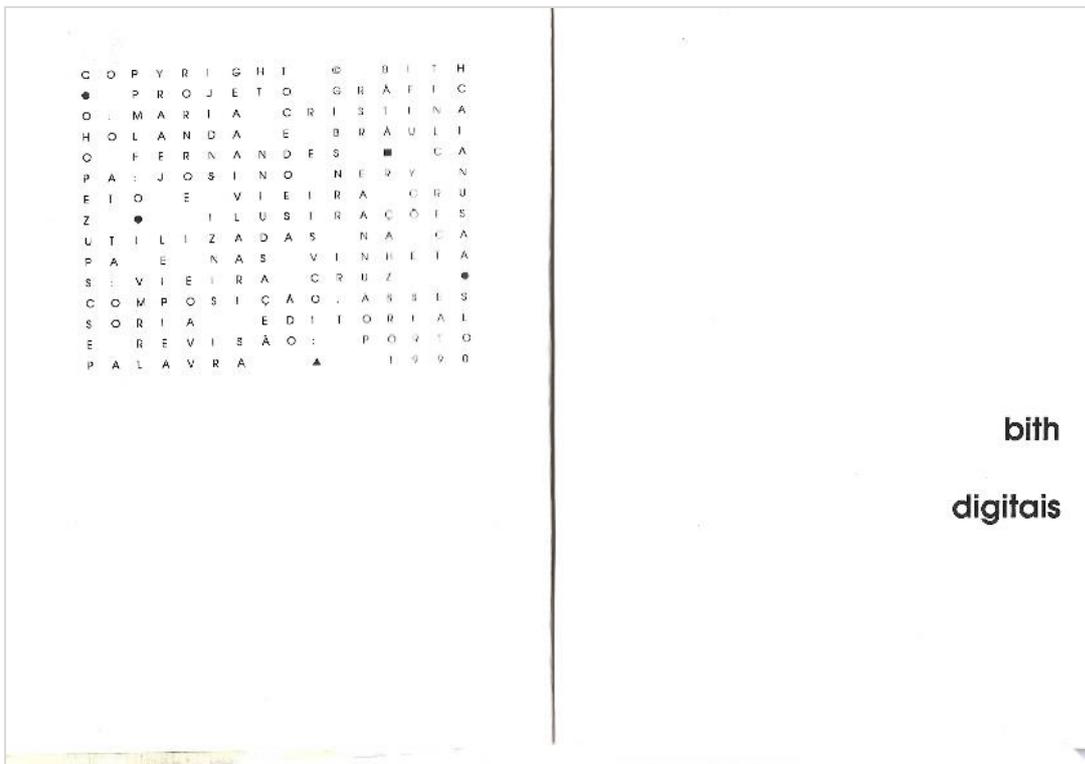
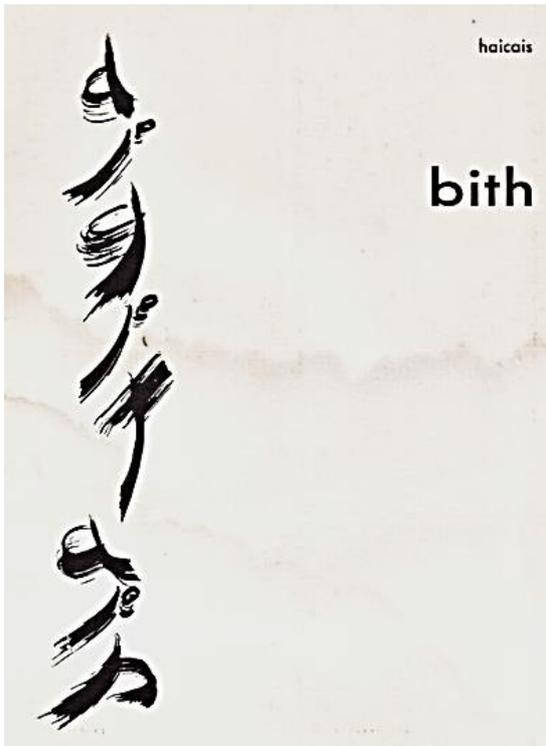
evidentemente sua extensão curta: cabia num guardanapo de boteco. Eu já sabia que não seguia de forma ortodoxa o haicai oriental. Meio que, para compensar esse relaxo, me obriguei, desde sempre, ao capricho das 17 sílabas.

No curso de graduação, me espantei com o alcance da obra dos concretistas: poemas visuais, traduções, ensaios, manifestos, polêmicas, entrevistas, tudo. Fui experimentando algumas formas que eu julgava muito originais em termos de visualidade, mas nada que chegasse perto da magnitude de Augusto, Haroldo, Décio e cia.

Acho que para tentar equacionar o ímpeto juvenil dos haicais com a ambição de fazer algo da grandeza dos concretistas foi surgindo o projeto de *Anilina*. Além disso, eu tinha lido em Ana Cristina Cesar (em *Correspondência completa*, incluído em *A teus pés*) um trecho que ficava e fica me instigando: “Inventar o livro antes do texto. Inventar o texto para caber no livro. O livro é anterior. O prazer é anterior, boboca.”. Sempre gostei disso: de projetos de livros, nos quais os poemas iam se integrando. Mais tarde, soube que João Cabral fez algo semelhante em *A educação pela pedra*.

Com os precários recursos de então, quis fazer em *Anilina* algo do verbivocovisual dos concretistas mas em forma de haicai. Daí o espelhamento ao qual a pergunta alude. Há haicais que se querem “circulares”. Experiências. Relendo agora o livreto, até me espanto com a intensidade de poemas digamos “surrealistas”, com imagens herméticas – que abandonei totalmente na maturidade.

2. O estilo ideogrâmico da capa e das vinhetas de *Digitais* (1990), com projeto gráfico assinado por Maria Cristina Holanda e Bráulio Fernandes e desenhos de Vieira Cruz, anuncia para o/a leitor/a a ascendência literária ainda de Matsuo Bashô (mesmo que “indo, indo, indo”) e da diagramação crescente (um poema numa página, dois na seguinte, três em seguida) de *Anilina*. Trata-se de uma “oficialização” bibliográfica do que você pretendeu no livro de 1987, bastante alternativo?



Capa, créditos e páginas de *Digitais*, de Bith.

ah. se eu fosse midas
virava um gato de ouro
só pra ter mais vidas

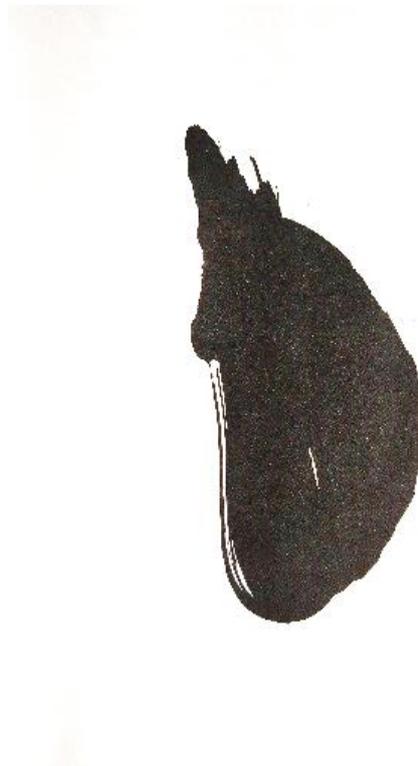
na véspera, ícaro
coagulando crisálida
cebolas no túmulo?

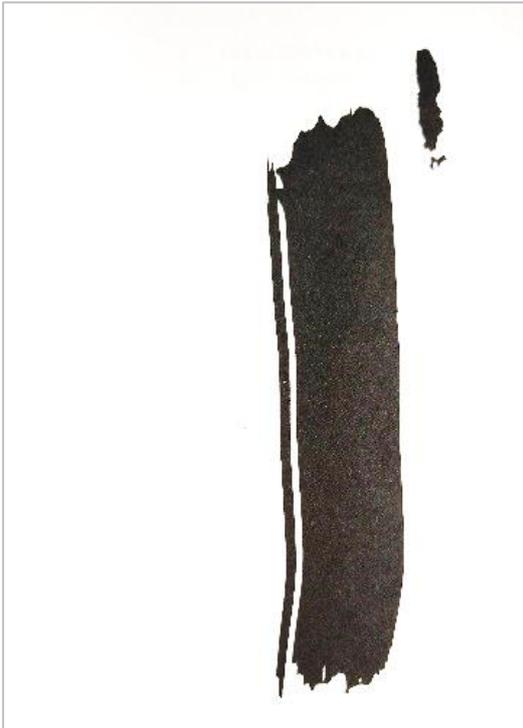
diáspora – nem
tudo está fora ou está
entre – aspas: ventre

um tal de bashô
acima das bananeiras
nu, seu palco nô

voa passarinho
a maré não tá pra peixe
primavera: queixe-se

rã que vai depressa
pula a poça, ri à beça
não caio mais nessa





Por outro lado, como se deu a rendição ao humor nessas digitais do livro de 1990?

Sim, sims. As perguntas já trazem e antecipam as respostas.

Revendo o livro, acho que nesses três anos, de 1987 a 1990, houve um salto expressivo. Talvez haja aí a influência de estar no mestrado (na UFRJ) e ter interlocutores cada vez mais exigentes. Sem dúvida, *Digitais* quer de algum modo colocar o *Anilina* num rumo melhor, mais organizado, mais consistente – a “oficialização bibliográfica” a que se refere a pergunta.

Muito intuitivamente, desde jovem acho que descobri que “a alegria é a prova dos nove”. O humor, em sentido lato, vem atenuar nossas divagações e melancolias metafísicas que sempre nos lembram de nossa finitude. O riso, nas suas múltiplas manifestações, tem esse poder de seduzir corações e mentes. Claro, há risos e risos. Mas, como se disse, rendi-me ao humor, e passei a pensar como pode ocorrer o diálogo entre versos e risadas. Não à toa, na tese de

doutorado, fui estudar poesia marginal, que tem no humor uma de suas forças maiores.

3. O projeto alternativo de *Anilina* é deixado de lado em *Digitais* que, de algum modo, se adequa ao mundo editorial mais convencional (capa, ficha catalográfica etc.). Contudo, em 1996, chega aos/às leitores/as o *32 poemas*, com minipáginas, menos “marginal” do que *Anilina* e menos formal do que *Digitais*. Como foi produzir, lançar e distribuir esse livroide, em que começam a surgir os sonetos que desbancarão a prevalência dos haicais em sua poesia?



Capa e páginas de *32 poemas*, de Bith.

O livrinho *32 poemas* nasceu, na verdade, de um convite do colega e poeta Paulo Sodré. Ia ocorrer um evento na Ufes, e para tal “inventei” o livrinho – na época, com o auxílio “tecnológico” do então aluno Orlando Lopes.

De fato, é um livro artesanal, de transição – do haicai ao soneto. Formas fixas, mas que pulam de 3 para 14 versos, e bem mais longos, e com muito mais exigências. As folhinhas avulsas se assemelham aos famosos livros marginais, hoje raros e caros.

Com carinho e nostalgia é que me recordo dessa publicação, que contém um dos raríssimos (talvez o único) poemas em versos brancos e livres que publiquei, em homenagem à minha irmã Deise, falecida tão jovem.

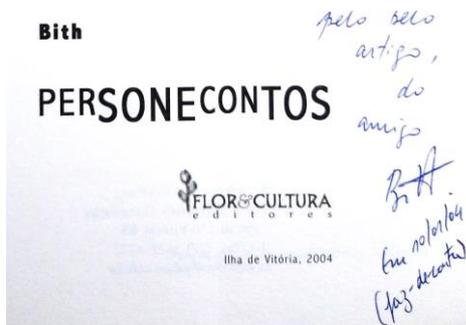
4. Oito anos depois de *32 poemas*, um de seus livros mais aplaudidos, *Personcontos* (2004) traz, além de sua adesão definitiva (?) ao protocolo editorial (com edição primorosa da Flor&Cultura, capitaneada pelo poeta Miguel Marvilla e Christoph Schneebelli), a novidade do soneto-miniconto – a retirar do legado petrarqueano a poeira das convenções neoparnasianas e academistas –, o jogo verbal com personas extraídas da literatura e de seu convívio e a inesperada fortuna crítica de um livro acabado de ser editado. Quais episódios criativos ou editoriais contornaram a difícil equação transficcionista (Glauco Mattoso) de “causos estroficamente narrados” + 2 quartetos/2 tercetos + humor + “maleabilidade sonora” + nomes/sobrenomes no fio da navalha da ficção-realidade?



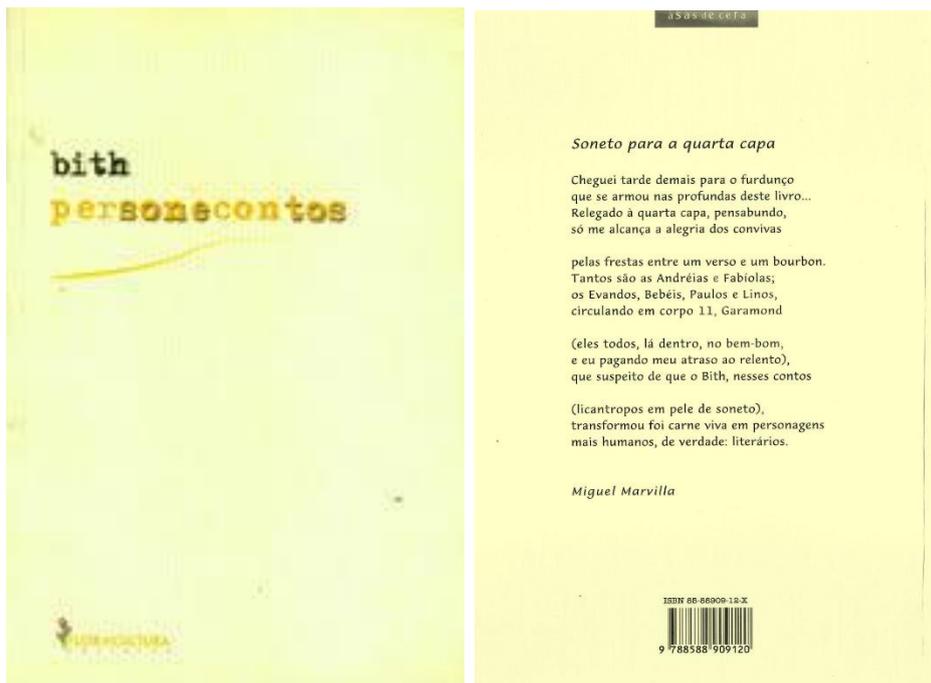
O editor de *Personcontos*, o poeta Miguel Marvilla,



e a logomarca da editora.



Autógrafo de Bith, no lançamento de *Personecontos*, em 2004. Abaixo, sua capa e contracapa.



A pergunta me deixa demasiadamente vaidoso. O *Personecontos* é uma experiência de tentar (continuar tentando) fazer algo diferente. Não sendo bom prosador, resolvi contar histórias metrificadas em soneto, o que me obriga a ter balizas, redes, limites. Para começar, parti dessa categoria cara à teoria narrativa,

que é o personagem – e dele, de maneira indissociável, extraí os demais elementos: enredo, narrador, espaço, tempo. Embora cada soneto seja autônomo, me inspirei um pouco nos sonetos narrativos de *Muito soneto por nada*, de Reinaldo Santos Neves, em alguns livros de Glauco Mattoso. Explorei, claro, bastante os nomes, seja em sentido etimológico, sonoro, intertextual etc.

Tento nos sonetos fazer algo atraente, jovial, bem-humorado, experimental. Jamais aqueles sonetos líricos, parnasianos, falando de sentimentos pessoais. Em geral, uma chatice. A edição bonita do saudoso Miguel Marvillia ajudou bastante. Foi meu presente de 40 anos.

A fortuna crítica, que já sai junto com o livro em si, é algo lúdico e irônico. A despeito de os textos terem sido escritos por amigos, o que torna tudo suspeito, a brincadeira passa exatamente por aí: autoironicamente, colocar o leitor para pensar e desconfiar das relações entre poesia e crítica, além de responder (sempre ironicamente) à propalada ausência de textos críticos sobre obras recém-lançadas.

O *Personecontos* (personagem + sonetos + contos) me levou definitivamente (!) ao mundo do soneto. Depois dele, lancei outros dois livros somente com sonetos, e no momento já começo a pensar em publicar um novo volume. Fazer sonetos é, diria o poeta, uma dor e uma delícia.

Referências:

BITH. *Anilina*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1987.

BITH. *32 poemas*. Vitória: Ed. caseira, 1996.

BITH. *Personecontos*. Vitória: Flor&cultura, 2004.

BITH. *Digitais*. Rio de Janeiro: Porto Palavra, 1990.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. O Jogo, Micha e outros sonetos: futebol poético e outras paixões. *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 3, set.-dez., 2020, p. 169-176.

MIRANDA, José Américo. Apresentação. In: SALGUEIRO, Wilberth. *O jogo, Micha e outros sonetos*. São Paulo: Editora Patuá, 2019, p. 9-10.

MORICONI, Italo. [Orelha]. In: BITH. *Digitais*. Rio de Janeiro: Porto Palavra, 1990.

OLIVEIRA, Luiz Romero de. A graça que grassa em *Digitais*, de Wilberth Salgueiro. *Contexto*, Vitória, n. 38, 2020, p. 172-191.

SALGUEIRO, Wilberth. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vitor.cei@ufes.br> em 06 mar. 2023.